

Bianca Santana

Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro

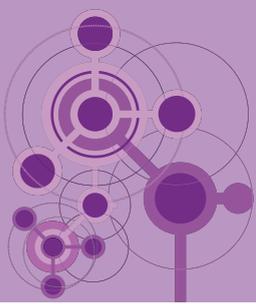
Companhia das Letras

São Paulo, 2021



Lívia Magalhães de Brito

- Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação — Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, Brasil.
- Mestrado profissional em Preservação do Patrimônio Cultural — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, Brasil.
- Especialização em Gestão Estratégica da Comunicação Organizacional e Relações Públicas. — Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP, Brasil.
- Cofundadora do Coletivo Autônomo de Mulheres Pretas – Adelinas (São Paulo-SP) e idealizadora do *blog* Benizia Comunicação Cultura e Direitos Humanos.
- liviamaalhaesrp@gmail.com



Sueli Carneiro, uma mulher preta a frente de seu tempo

Sueli Carneiro, a black woman ahead of her time

Sueli Carneiro, una negra adelantada a su tiempo

A obra *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro*, de autoria de Bianca Santana¹, publicada pela Companhia das Letras em 2021, traz o percurso de uma das mais importantes ativistas negras do Brasil. Grande nome do movimento negro brasileiro, a relevância de Sueli Carneiro no âmbito intelectual e em favor dos direitos humanos é reconhecida nacional e internacionalmente. Sueli recebeu o diploma de Mulher-Cidadã Bertha Lutz, concedido pelo Senado brasileiro em 2003, por ser reconhecida como uma personalidade feminina de relevância na luta pelos direitos das mulheres pretas. Destaque também para o título de Doutora *Honoris Causa*, concedido em 2022 pela Universidade de Brasília (UNB), o que lhe permitiu entrar para a história como a primeira mulher negra a receber essa honraria.

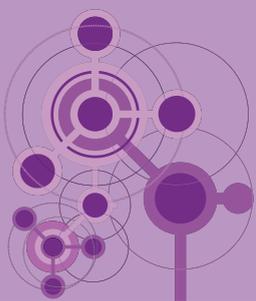
O livro está dividido em quatro partes. A primeira, “Escavação”, trata de um levantamento de informações da história da família da Sueli, de seus ancestrais, de seus pais e do nascimento da homenageada e irmãos. A segunda parte, “Movimento”, conta sobre a vida pessoal de Sueli, incluindo seu casamento e suas relações de amizade com pessoas engajadas na luta por igualdade racial. Traz um panorama da aproximação desta com as questões de raça e gênero e aspectos de sua religiosidade que fariam sentido e se materializariam mais tarde. “Disputa” é a terceira parte e apresenta uma narrativa marcada por embates enfrentados por Sueli na vida pessoal, acadêmica e profissional, como também a relação da homenageada com o candomblé que, em 1986, resulta na realização de sua cerimônia de confirmação como membro dessa religião. Na última parte, “Centralidade”, Bianca Santana demonstra com maior ênfase o caráter ativista de Sueli Carneiro e sua atuação no que se refere aos direitos das minorias, em especial, das mulheres pretas.

ESCAVAÇÃO

Nascida em 1950, filha de costureira e de ferroviário, Sueli Carneiro é filósofa e escritora. Bianca Santana, por meio deste livro, tentou buscar as origens do sobrenome Carneiro, mas sua narrativa esbarrou em questões fundamentadas no colonialismo e na escravidão, que apagou a história das pessoas pretas no Brasil. Contudo, essa iniciativa da autora, mesmo que complexa, trouxe resultados positivos. Desta forma, criou-se uma hipótese, com base em informações coletadas em Minas Gerais, sobre a possível árvore genealógica de Sueli, demonstrando também que pessoas pretas brasileiras, ainda que passem por processos parecidos de apagamento histórico sistemático com a tutela do Estado, podem empreender algum esforço na tentativa de realizar seu resgate ancestral.

Sueli é a mais velha de seis irmãos. Foi alfabetizada em casa pela mãe e, quando passou a frequentar a escola, era a única criança negra naquele lugar, o que lhe proporcionou a solidão, uma vez que as pessoas brancas tinham dificuldades de se relacionar com pessoas pretas. Na adolescência, viu-se cansada das tranças nos cabelos e passou a alisá-los. A família

¹ Natural de São Paulo, a jornalista, ativista do movimento negro, escritora e feminista Bianca Santana é Diretora Executiva da Casa Sueli Carneiro, possui mestrado em Educação e doutorado em Ciência da Informação (USP).



Carneiro dispunha de poucos recursos, mas não faltava o alimento; no entanto, a situação financeira só ficou mais confortável quando Sueli começou a trabalhar.

MOVIMENTO

As questões sobre a mulher negra se intensificaram politicamente na vida de Sueli a partir de 1971, quando foi aprovada em um concurso da Secretaria da Fazenda de São Paulo, para exercer as atividades de auxiliar administrativo. Neste local conheceu outras mulheres negras, entre elas Sônia Nascimento (cofundadora do Geledés — Instituto da Mulher Negra). Sueli se aproximou do Centro de Cultura e Arte Negra — Cecan, por conta das discussões sobre a condição das pessoas negras, mas, até então, não pertencia a nenhuma organização política. Casou-se em 1973 com Maurice Jacoel, homem branco judeu, nascido no Cairo, que residia no Brasil; com ele teve uma filha, a quem deu o nome de Luanda. Após o nascimento de Luanda, em 1980, ocorreu a separação do casal.

Quando ainda juntos, Sueli e Maurice simpatizavam com o Candomblé: ele fotografava as festas e ela, inicialmente, o acompanhava com um olhar de pesquisadora; mais tarde, Sueli acabou encontrando amparo nessa religião. Nesse período, tanto Sueli quanto Maurice tiveram suas atividades monitoradas pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão de repressão do governo brasileiro que atuou durante a Ditadura Militar. O DOPS mantinha informações equivocadas sobre os dois: nos documentos constava que eles estudavam psicologia, mesmo sem nunca terem feito matrícula nesse curso.

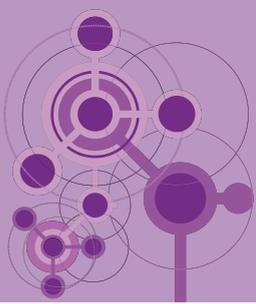
Quando da criação do Movimento Negro Unificado (MNU), nos anos 1970, Sueli conhecia intelectuais negros e simpatizava com a causa, mas não fez parte de sua fundação. Segundo Bianca, ela era engajada, mas ainda lhe faltava o protagonismo nesse campo. Entretanto, mesmo não sendo militante, sua trajetória ativista foi marcada pela criação do MNU. Sueli ainda carecia de amadurecimento sobre as inquietações de gênero, situação alterada após o seu encontro com Lélia Gonzalez, intelectual negra que considerava as perspectivas de debate político com recorte racial e de gênero e que lhe proporcionou essa inserção.

DISPUTA

Bianca conta no livro sobre as tentativas de Sueli no campo acadêmico, na década de 1980, quando encontrou dificuldades epistêmicas durante o curso de mestrado, pois sua pesquisa estava centrada em filosofia africana, mas as duas tentativas de cursar mestrado lhe mostraram que a academia não estava preparada para aquela discussão, pois nenhum dos orientadores conseguia captar o olhar de Sueli para a temática. Mesmo não seguindo por caminhos acadêmicos nesse período (voltando aos estudos somente aos 49 anos, para cursar o mestrado, com tema que se transformou em tese de doutorado em filosofia da educação), Sueli seguiu escrevendo sobre o racismo e o sexismo como forma de interferir na estrutura social vigente. Por meio de projetos pesquisou o candomblé e o feminino, além do movimento negro de São Paulo.

Com uma trajetória marcada por ativismos, a narrativa fotográfica apresentada por Bianca Santana nesta obra mostra Sueli Carneiro em encontros afetivos revolucionários com figuras importantes como Conceição Evaristo, Vilma Reis e Luiza Bairros. Também evidência a presença de Sueli em eventos feministas e de mulheres negras, atuando politicamente por Direitos Humanos e sendo reconhecida por isso.

Em 6 de outubro de 1983, por ocasião de uma reunião com mulheres negras ativistas de São Paulo foi criado o Coletivo de Mulheres Negras. Thereza Santos, membro do coletivo, foi escolhida pelas demais para assumir um lugar no Conselho Estadual da Condição Feminina e, por conta da sua relação com a Sueli, convidou-a para escrever sobre a condição da mulher



negra em uma publicação que seria incorporada à coleção dedicada à “Década da Mulher”, a ser produzida pela editora Nobel. Segundo Bianca, Sueli, que mais tarde faria parte do conselho, apresentou o primeiro estudo do Brasil “Mulher negra: Política governamental e a mulher”, que fragmentava os indicadores de gênero.

Durante a gestão do então presidente da república José Sarney, coordenou o Programa da Mulher Negra do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, de 1986 a 1989. Em 1988 participou da criação do Geledés, entidade de movimento negro e de mulheres, à qual se dedicaria após sua saída do conselho. Sua primeira contribuição para o Geledés nasceu em 1990 e tinha por nome “SOS Racismo — Assessoria Jurídica em Casos de Discriminação Racial”. Dentre os objetivos desse projeto destaca-se o recebimento de denúncias sobre discriminação racial e a representação da vítima. De acordo com Bianca, decorridos cinco anos, a iniciativa passou a acolher também mulheres que sofriam violência sexual ou doméstica. É importante pontuar que, mesmo todo esse percurso e sua importância no cenário dos ativismos, nem sempre foi possível para Sueli garantir a estabilidade financeira.

CENTRALIDADE

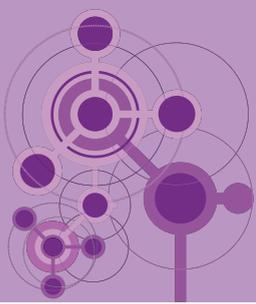
Bianca também destaca o trabalho de Sueli no Geledés, incluindo as iniciativas do “Programa de Saúde de Geledés”, a formação em promotoria legal popular ofertada às lideranças comunitárias e o Projeto *Rappers*, que buscou formar jovens nas áreas de política, direitos humanos, música, entre outras, a fim de encontrar caminhos para propor diálogo entre esses jovens e a Polícia Militar. Além dos projetos, publicações como a revista *Pode Crê*, especializada em *hip-hop* e a concepção do primeiro *site* da organização (disponibilizado ao público em novembro de 1997), também são citados.

A incansável e atenta ativista Sueli Carneiro travou embates públicos: se manifestou sobre práticas racistas presentes nas novelas da Globo, *Pátria Minha* e *Terra Nostra*; assim como se posicionou contra a misoginia presente no comportamento de Joel Rufino, quando, em 1994, publicou um artigo escrito em parceria com o Wilson do Nascimento no qual comparava mulheres brancas a carros Monza e as pretas aos carros Fusca.

A famosa frase “entre a direita e a esquerda, sei que continuo preta” externalizava o desconforto de Sueli em relação às políticas partidárias: a direita era abertamente promotora das desigualdades e a esquerda, mesmo com todo o discurso de igualdade, não atuava de maneira a promover equidade racial. Os dois seguimentos políticos a enxergavam como alguém cujo comportamento não ia ao encontro do posicionamento político em que acreditavam. Sueli permaneceu preta e seguiu nos ativismos. Participou das audiências públicas junto ao Superior Tribunal Federal (STF) em defesa das cotas raciais nas universidades públicas, que, após dois anos, foi reconhecida como constitucional. Participou, em 2004, da Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e contribuiu na formulação do documento que trazia uma parceria entre mulheres negras e indígenas a fim de enfrentarem juntas as desigualdades raciais nas questões de gênero. Segundo Bianca, “Sueli Carneiro enegreceu o feminismo brasileiro”.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA

O livro *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro* revela, através da história pessoal de uma das maiores ativistas pretas brasileiras, a busca por equidade e a realidade da condição das mulheres negras no Brasil. É uma brilhante trajetória, nos campos profissional, ativista e acadêmico, que nunca será suficiente para extinguir da vida das pessoas pretas as marcas do racismo que estão presentes na estrutura social. Assim, Sueli, como outras mulheres pretas, cotidianamente precisa reunir forças para enfrentar as violências raciais e de gênero.



Segundo o estudo *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil* (Cabral, 2022), no ano de 2021, a taxa de desocupação atingiu 1,3% brancos, 16,5% pretos e 16,2% pardos. Enquanto o rendimento médio dos trabalhadores brancos era de R\$ 3.099,00 a média dos trabalhadores pretos foi de R\$ 1.764,00 e a dos pardos, R\$ 1.814,00. O estudo indicou ainda que o desemprego e a informalidade se concentravam entre pretos e pardos. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), aliado às questões de raça, houve aumento no número de pessoas em situação de extrema pobreza entre os anos de 2020 e 2021, com piora na condição de vida, em especial, de mulheres racializadas (Pobreza..., 2022). Nesse cenário, fica perceptível que a condição de raça e gênero são fatores que se somam na definição da condição da mulher negra no Brasil.

A luta das mulheres pretas na busca por dignidade continua e, na narrativa da vida de Sueli Carneiro, consigo enxergar um pouco de muitas mulheres pretas com quem convivi: minha mãe, avó, tias, amigas e ativistas pretas. Um pouco de mim também. Talvez porque todas nós estejamos submetidas ao mesmo tipo de opressão, ou mesmo porque somos muitas e não estamos sós.

REFERÊNCIAS

Cabral, Umberlândia. Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento. *Agência de notícias IBGE*, 11 nov. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento>. Acesso em: nov. 2022.

Pobreza extrema na região sobe para 86 milhões em 2021 como consequência do aprofundamento da crise social e sanitária derivada da pandemia da COVID-19. *Cepal*, 25 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pobreza-extrema-regiao-sobe-86-milhoes-2021-como-consequencia-aprofundamento-crise>. Acesso em: dez. 2022.

SANTANA, Bianca. *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Artigo recebido em 31/12/2022 e aprovado em 12/01/2023.